

Fundação Getulio Vargas
Escola de Administração de Empresas de São Paulo

Trecho turístico do Parque Nacional da Serra da
Capiwara: entaves, análise e propostas de melhoria

Conexão Local

Ahmad Osman
Laryssa Asano

São Paulo
2017

Sumário

Agradecimentos	2
Introdução	4
Reflexões teóricas.....	4
Metodologia	9
Contextualização.....	10
Percepções de campo	11
Informações disponíveis	11
Acessibilidade	13
Infraestrutura local	16
Condutores de visitantes	21
População local	23
Questões políticas	22
Propostas de mudança	32
Considerações finais	37
Referências	38

Agradecimentos

Pode parecer a mais simples, mas na verdade os agradecimentos são a parte mais difícil. A pesquisa só conseguiu ser realizada graça a todas as pessoas que disponibilizaram um pouco do seu tempo para nos encontrar, ouvir, responder às nossas perguntas e tirar outras eventuais dúvidas que surgissem pelo caminho. Éramos dois estranhos entrando na cidade deles, pedindo para descobrir os segredos, os problemas e ouvir todas as suas reclamações – assim como elogios – ao turismo, à cidade e às pessoas. A hospitalidade de todos tornou esse relatório possível e não temos palavras que consigam expressar o nosso sentimento de gratidão.

Porém, não podemos deixar de agradecer ao nosso orientador Marcello Romani Dias, que durante muito tempo se preocupou em tornar a experiência agradável e fornecer conhecimento para garantir que aproveitássemos ao máximo. Muito obrigada pelos minutos infinitos de áudio, dúvidas que precisavam ser respondidas e guias para que o relatório conseguisse tomar forma.

Arivan, ou Ari mesmo, não tenho palavras para agradecer a sua dedicação. Você foi mais do que um simples condutor de visitantes, você foi nosso amigo. Você compartilhou sua casa, doou seu tempo, gastou horas num telefone para garantir que as pessoas nos recebessem no espaço curto que tínhamos. E como esquecer da viagem longa que enfrentou para nos mostrar a beleza da Serra Branca? Você foi além de tudo que esperávamos.

Estamos em São Paulo escrevendo para tentar melhorar alguma coisa por aí, na esperança de melhorar em algum sentido a região. Mas saibam, que no fundo, os agentes de mudança foram vocês. Nunca esqueceremos essa experiência enriquecedora.

Muito obrigada!

Introdução

Considerado Patrimônio Mundial pela UNESCO por abrigar um testemunho importante para a história da humanidade, o Parque Nacional da Serra da Capivara é o objeto de estudo desta pesquisa. Enquanto a média anual de visitantes gira em torno de 20.000.000 pessoas, o Parque Nacional do Iguaçu só em 2012 recebeu 1.535.382 visitantes. Os dois Parques Nacionais carregam o título de Patrimônio Mundial, mas não apresentam os mesmos resultados. De acordo com a Demanda Turística publicada em 2012, o próprio estado (Piauí) é o principal emissor de turistas para a região (acumulando 56,3%) seguido pelo Maranhão (com apenas 17,3%). Estima-se que o número de turistas por UF, no Piauí é de 1.377.000 que não é muito grande se comparado com o estado da Bahia (3.044.000). Em 2016, a Fundação Museu do Homem Americano, responsável pelo gerenciamento do Parque Nacional da Serra da Capivara na época, encerrou as atividades por falta de verba e suspendeu a manutenção do Parque durante o período de agosto de 2016 a janeiro de 2017; apesar das circunstâncias, o Parque não fechou durante os meses citados. Conforme dito pela própria comunidade local, o turismo na região nunca tinha sido problematizado anteriormente, de modo que o presente estudo, por si só, já consiste em uma inovação.

Dessa forma, foco da presente pesquisa é analisar as razões que levam a região do Parque Nacional da Serra da Capivara a receber poucos turistas, comparando-o a outro Parque Nacional e trazer uma agenda de proposições que podem servir como catalizadores ao turismo do Parque. Propondo possíveis soluções a serem aplicadas pelos agentes envolvidos.

O método utilizado para a elaboração desse relatório envolve as entrevistas realizadas em três cidades (Coronel José Dias, João Costas e São Raimundo Nonato), relatos de campo escritos durante a imersão, observação direta e análise documental. Além dessa introdução, o documento está dividido entre reflexões teóricas, metodologia, contextualização, percepções de campo, análise de dados, propostas de mudança e considerações finais.

Reflexões Teóricas

Para dar prosseguimento à discussão previamente proposta se vê fundamental estabelecer a noção de ‘desenvolvimento local’, a qual será utilizada para guiar as análises e conclusões que pretendemos atingir com nossa pesquisa. Para tal, inicialmente devemos entender que o significado do conceito em si não é um consenso entre pesquisadores e teóricos, sendo muitas vezes os sentidos atribuídos totalmente divergentes, inclusive em termos de orientação metodológica (Caldas, Martins, Vaz, 2010), de onde se origina sua

importância para nós.

O que se tem como denominador comum das diversas visões é um fator extremamente latente no nosso objeto de estudo: a espacialidade, isso é, a forte relação do meio com o desenvolvimento em si, seja como reflexo da reorganização do capital em uma sociedade pós-fordista (Benko, Lipietz, 1994) ou como processo autônomo (e localizado) de valorização de instituições e de um sistema de valores também específicos (Baccatini, 1994). Existe ainda uma visão que atribui ao desenvolvimento local uma função disruptiva. Essa última, proposta por Santos e Rodrigues-Garavito (2006), traz em si um modelo de desenvolvimento “de baixo para cima”, tirando das mãos do Estado e das elites econômicas locais a exclusividade sobre os processos de diversificação produtiva, distribuição de renda e também de ascensão política e representativa. Propõe o desenvolvimento como uma construção coletiva, cujo principal ator é a sociedade civil (Caldas, Martins, Vaz, 2010).

Apesar de admitirmos pertinentes todas as visões apresentadas, o cerne da nossa discussão requer uma abordagem mais semelhante à proposta por Santos e Rodrigues-Garavito, que conversa com o contexto em questão. Isto ocorre pois a valorização da localidade, que ocorrerá caso o turismo no local volte a fluir, atingirá diretamente todos os entes citados, aumentando consideravelmente a renda da região, por exemplo, e de todos os cidadãos que dela quiserem participar, direta ou indiretamente, a exemplo do crescimento da rede hoteleira e de restaurantes. Esse desenvolvimento só é possível graças à noção de desenvolvimento local, como explicitado por Caldas, Martins e Vaz no artigo “A gestão do desenvolvimento local no Brasil”:

“O desenvolvimento local também apresenta vários significados, comportando as diferentes dimensões em que se exerce a cidadania, e tem condições de criar um espaço de interação entre cidadãos, recuperando a iniciativa e a autonomia na gestão do que é público.” (Caldas, Martins e Vaz, 2010, pág. 564)

Graças a esse processo “de baixo para cima”, diversifica-se a autonomia na gestão do bem público, isso é, se ampliam as vozes de diversas camadas na discussão de uma agenda pública local. Nesse sentido, a situação por nós estudada oferece esse elemento de interação (não necessariamente harmônica ou equitativa) entre os diferentes entes que dividem espaço na região do Parque. Essa interação nos ajuda a questionar a visão do desenvolvimento como progresso (econômico e civilizatório), e nos amplia a capacidade de enxergar de maneira

orgânica as dinâmicas que regem o espaço da Serra e como o crescimento de seu turismo impactaria a região.

Para além do conceito de desenvolvimento local, é interessante também definirmos e contextualizarmos as próprias abordagens existentes a respeito do turismo, visto que esta é a atividade a qual estudaremos e pensaremos a respeito de como desenvolvê-la na região. Assim, é possível pensarmos na mesma primeiramente em termos históricos, visto que “o turismo iniciou quando o homem deixou de ser sedentário e passou a viajar, motivado principalmente pela necessidade de comércio” (Ignarra, 2001). Todavia, para diferenciar os diversos tipos de deslocamentos que temos do turístico, definimos que “viajar é o ato de ir temporariamente de um lugar para outro com a intenção de retornar enquanto que fazer turismo pressupõe uma viagem temporária que exige infraestrutura adequada” (Oliveira, 2000).

Desta maneira, tendo em vista a articulação das diferentes visões a respeito dos conceitos acima ilustrados, determinamos a metodologia que fora aplicada em nossa pesquisa, que se encontra abaixo no presente relatório. É importante ressaltar a relevância que o presente estudo teórico possuiu para todo o desenvolvimento e progresso de nossa pesquisa, visto que termos as noções de desenvolvimento local, turismo em geral e o ecoturismo de forma específica definidas foi algo fundamental para que se facilitasse nosso cotidiano durante a imersão e conseguirmos pensar nas problemáticas que nos foram apresentadas da maneira mais palpável possível, algo primordial para o desenvolvimento de qualquer política pública.

Decidimos, então, dividir em dois tópicos para análise: turismo nacional e ecoturismo nacional.

a. Turismo nacional

De acordo com Faria (2001), a atividade turística deve ser considerada como um processo completo, que vai desde a divulgação correta da imagem do local a ser visitado pelo turista, atenção com sua permanência e satisfação, até a volta à origem, de modo que a localidade turística permaneça conservada, no longo prazo, para a continuidade do atendimento qualificado, garantia de boas condições de vida para a população local e preservação do meio ambiente. Segundo Trigo (1993), as distintas definições de turismo devem considerar os contextos histórico, temporal e espacial, já que a atividade envolve cultura, arte, qualidade de vida e lazer. Por conseguinte, em consonância com Beni

(2006), para um território tornar-se destino turístico é indispensável que possua atrativos e infraestrutura básica. Ainda no mesmo autor (2006, p.159) temos que o mercado de turismo para cada produto identifica um tipo de mercado real e potencial, ou seja, “os mercados de turismo inserem-se na categoria de concorrência imperfeita, pois os produtos não são homogêneos e intercambiáveis, mas diferenciados”. Consoante Andrade (2004), as características que tornam a atividade turística produtiva, ao longo de sua efetivação, manifestam-se pelo uso dos meios e recursos turísticos, pelos resultados que produz e as particularidades econômicas. Produto a ser adquirido.

Entretanto, o turismo nacional apresenta uma estagnação. Uma matéria publicada em novembro de 2016 no site *Mercado e Eventos*, relata o discurso de José Ernesto Marino Neto, Master em Ciências, Ph.D em negócios pela Flórida Christian University e presidente da BSH International, em relação ao desenvolvimento do turismo nacional e o que esperar do setor. De acordo com ele, o Brasil é um mercado relativamente instável e difícil de prever. O país não segue os mesmos padrões encontrados ao redor do mundo – em relação aos números crescentes do turismo – e possui a mesma estrutura sócio-política há 100 anos. Quando questionado sobre os entraves que impedem o desenvolvimento do turismo nacional, afirmou: *“Alto custo dos bilhetes aéreos, porque hoje 40% de tudo que produzimos vira imposto. Problemas ainda com a sinalização monolíngue, a ausência de foco no turismo, como, por exemplo, os Parques Naturais, que atualmente são encarados no país como locais de preservação e não como atrações turísticas [...]”*

b. Ecoturismo nacional

Sendo ainda mais específico a respeito de nosso objeto de estudo, é importante verificarmos as peculiaridades que o ecoturismo possui, a despeito da abordagem mais genérica acima exposta. A partir dos anos 80, o debate sobre o desenvolvimento sustentável cresceu exponencialmente, de forma conjunta ao ecoturismo que, conforme Dias (2003), apesar de possuir diversos conceitos, todos internalizam elementos comuns, como educação, interpretação ambiental, organizado para pequenos grupos, gerido por pequenas empresas especializadas e comumente de propriedade local, proteção de zonas naturais, alternativa de oportunidade de emprego e renda para as comunidades locais e instrumento de conscientização sobre conservação dos ativos naturais e culturais pelos habitantes e turistas.

Em conformidade com Kinker (2002), o ecoturismo é uma atividade propícia para a

prática em Unidades de Conservação (UC's) e, particularmente, Parques Nacionais, pois se trata de um dos segmentos do turismo que proporcionalmente mais cresce no mundo, uma vez que do total dos praticantes da atividade turística, 10% são ecoturistas, atingindo nos últimos dez anos uma taxa de crescimento de 20% ao ano. Ainda conforme o autor, a análise evolutiva do conceito de ecoturismo pode ser pensada como uma linha contínua, sendo que em uma das extremidades encontra-se pouca responsabilidade com o meio ambiente natural e cultural, em que qualquer tipo de turismo traz necessariamente impacto negativo, enquanto na outra se observa o respeito ao meio ambiente, a natureza e a cultura. Por fim, temos Rodrigues (2003, pg 31), que afirma ser o ecoturismo uma atividade econômica cujo impacto ambiental é baixo, orientando-se para áreas de valor cultural e natural significativos, e gerando ganhos também para as comunidades receptoras pelo fato de envolver atividades educativas e recreativas.

Uma recente publicação *ECOTURISMO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO*, da autora Bárbara Flôr Rimolo de Menezes, publicada em 2015, tem como objetivo definir o ecoturismo, discutir as suas consequências com enfoque no ecoturismo em unidades de conservação. Logo no resumo, a autora ressalta um dos principais entraves descobertos por ela: a falta de valorização das unidades de conservação.

O investimento no ecoturismo também favorece as comunidades locais, uma vez que exalta sua cultura, chama a atenção para a importância da preservação cultural e incentiva a tolerância cultural. Apesar disso, a impossibilidade de uso sustentável de uma área de proteção integral pode afetar a comunidade adjacente. O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros resolveu a questão proibindo entrada no parque sem guia e proibindo acampamento e, dessa forma, a comunidade local beneficia-se através de pousadas, campings, restaurantes e da capacitação oferecida para realizar a atividade de guia. (LEUZINGER, 2010).

Instituições como SOS Mata Atlântica, Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) e WWF Brasil alegam que o turismo nos Parques Nacionais poderia gerar 1,8 bilhões de reais por ano, enquanto que em 2012 arrecadaram menos do que 27 milhões.

Metodologia

Em São Paulo, nossa pesquisa começou com comparações do desempenho do Parque Nacional da Serra da Capivara com outros patrimônios reconhecidos pela UNESCO a fim de ter dados que contribuam para a tomada de decisão. Isso serviu como base para guiar nossa visão conforme os dias se passaram durante a imersão e os problemas surgiram, além da teoria servir como uma boa ferramenta para quebrar preconceitos e evitar a reprodução dela e dos estereótipos. Ademais, durante esta primeira etapa foi fundamental a realização de pesquisas documentais a respeito do Parque, que culminaram na escrita de um relatório “pré-imersão” elaborado antes de nossa viagem.

Por se tratar de uma pesquisa baseada em turismo, a dupla optou por, em primeira instância, realizar um passeio turístico comum no Parque, a fim de obter primeiras impressões a respeito de seu funcionamento. Posteriormente, a próxima etapa de nossa imersão, a qual foi realizada durante todos nossos dias no local, foi de realizar pesquisas com curadores dos museus, responsáveis pela administração, funcionários (antigos e novos), além dos próprios turistas que estiverem dispostos a compartilhar os motivos que os levaram a visitar o Parque e a região, de forma combinada com nossas visitas ao Parque; desta maneira, optamos pela metodologia de combinar a realização de entrevistas com a visita estratégica ao Parque, utilizando-nos do método do “pesquisador conversador” em nosso cotidiano. Os diversos públicos entrevistados, assim como o conteúdo que embasa o presente relatório, encontram-se melhor descritos na seção *Análise de dados*.

Como pontos a se ressaltar a respeito da pesquisa em campo, temos o cuidado que tivemos para não tornar nossa pesquisa parcial; devido ao fato de cotidianamente estarmos em contato com *players* que também possuem interesses em cima do turismo no Parque, como o albergue no qual estávamos hospedados e o guia de turismo que nos acompanhava diariamente, acabamos ficando próximos dos mesmos, e nos precavemos para evitar que nossa pesquisa viesse a possuir qualquer viés. Ainda neste quesito, é de destaque a sorte que obtivemos em nossa pesquisa por estarmos hospedados no albergue em questão, o que facilitou nossos estudos e permitiu o contato com diversos stakeholders. Ademais, o fato de termos ouvido constantemente a comunidade local legitimou nossa pesquisa, apesar de termos a limitação de tempo em campo, o que evitou, por exemplo, que fosse possível nos aprofundarmos na questão política que envolve o turismo no Parque.

Por fim, como último passo de nossa pesquisa, temos o estudo pós imersão que fora realizado. Iniciada ainda durante nossa viagem, esta etapa consiste na consolidação das visões

apresentadas, discussão do que fora visto, realização do diagnóstico e proposições de melhorias para o Parque. Durante nossa pesquisa, adquirimos uma variedade muito grande de informações, sendo necessária filtrá-las para que conseguíssemos realizar um estudo focado. Como entrega desta etapa, temos o presente relatório, contendo todas as informações relevantes apresentadas e que esperamos poder impactar a realidade da localidade em questão.

Contextualização

Para entrar na lista de Patrimônio Mundial da *UNESCO*, o local em questão precisa atender a no mínimo um de dez critérios de seleção. O Parque Nacional da Serra da Capivara encaixa-se no critério *iii*, que possui um testemunho único ou pelo menos excepcional de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou que tenha desaparecido; em tradução livre do enxerto retirado do próprio site da *UNESCO*. O Parque Nacional da Serra da Capivara ou *Parna* - forma como os moradores da região o chamam - localizado na região sudeste do Piauí, na região Nordeste do Brasil, abriga vestígios da população mais antiga a morar na América do Sul. Além de preservar o maior conjunto de sítios arqueológicos e os mais antigos exemplos de arte rupestre nas Américas.

Dados fornecidos pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), em uma entrevista com Expedito, que é responsável pelo Instituto na ausência da Melina, indicam o crescimento e decréscimo no número de visitantes no período de 2012 a 2014. Não tivemos acesso aos demais dados por problemas técnicos nos equipamentos e pela contagem ser feita em papel e precisar ser transcrita manualmente a uma planilha no computador. Entretanto, é suficiente para confirmar alguns dados empíricos fornecidos por condutores de visitantes, guardas e moradores da região de Coronel José Dias, São Raimundo Nonato e João Costa (locais visitados por nós durante a nossa pesquisa). Em 2012, 13.332 visitantes - pagantes e isentos - visitaram o *Parna*. Já em 2013, nota-se um crescimento de 50% nesse número, atingindo o total de 19.998 visitantes. No entanto, 2014 apresentou uma leve queda de 8,09% em relação ao ano anterior e o número de visitantes caiu para 18.380. Em geral, os entrevistados dizem que o número varia muito pouco e que em média vinte mil (20.000) visitantes entram no Parque Nacional da Serra da Capivara por ano.

O Parque Nacional do Iguaçu está também na lista da *UNESCO* de Patrimônio Mundial, mas se encaixa em dois critérios: *iv* e *x*, que afirma que o PNI é um excelente exemplo que ilustra uma paisagem que ilustra estágios significativos na história humana e que contém habitats naturais mais importantes e significativos para a conservação da diversidade biológica. Em contrapartida, o Parque Nacional do Iguaçu (PNI) recebeu só em 2012 cerca de

1.535.382 visitantes. O Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu/Cataratas teve seu primeiro voo inaugural em 1935, quando ainda não recebia aviões de grande porte. Em 1970, inauguraram o novo setor do aeroporto, que estava pronto para receber grandes aviões e mais passageiros. Ainda assim, não foi o suficiente. Após passar a responsabilidade à Infraero, em 1986 novas reformas começaram para ampliação e em 2012, decidiram que novas reformas eram necessárias. Atualmente, quatro grandes companhias aéreas pousam neste aeroporto, como por exemplo GOL, Latam, Azul e Avianca.

Estas mesmas empresas ainda não realizam voos para o Aeroporto Internacional da Serra da Capivara, localizado em São Raimundo Nonato alegando falta de demanda. A página do Facebook do Aeroporto compartilha diariamente informações a respeito dos novos voos, realizados pelas companhias TWFly e Piquiatuba. Antes, o Aeroporto recebia apenas dois voos por semana com uma capacidade muito inferior. Todavia, a demanda aumentou e com isso a capacidade dobrou. Porém, não chega nem perto ao fluxo do Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu.

Essa diferença discrepante assusta aos pesquisadores, moradores e todos aqueles que trabalham diretamente com o turismo; e dependem dele. E foi o nosso objeto de estudo durante o mês de julho. A pesquisa se baseou em entender o motivo pelo qual o Parna da Serra da Capivara não recebe tantos turistas quanto tem capacidade (de acordo com a doutora Niède Guidon, a capacidade atinge 5 milhões de turistas anuais), averiguar a real capacidade e propor soluções para os problemas encontrados.

Percepções de campo

a. Informações disponíveis

Ao buscar “Parque Nacional da Serra da Capivara” no Google, é possível encontrar dois grandes sites oficiais com informações básicas: o site do ICMBio e da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM). Entretanto, pouco se fala sobre hospedagem, por exemplo. A informação fornecida pelo site da FUMDHAM é que São Raimundo Nonato é a cidade principal para se hospedar e buscar infraestrutura. Já o ICMBio cita a cidade Coronel José Dias como um possível destino final quando se trata de acessibilidade. Enquanto o site do ICMBio diz que o ingresso para brasileiros e estrangeiros residentes no Brasil custa R\$ 12,50, o site da FUMDHAM informa que o valor é de R\$ 14,00. Apesar da diferença do valor ser pequena, nota-se um problema de atualização forte por parte do ICMBio e pode ser prejudicial para os turistas, que buscam informações concretas para planejar uma viagem.

Ambos os sites estão desatualizados em fornecer informações sobre o Aeroporto Internacional Serra da Capivara. Se o objetivo deles é prover informações concisas, objetivas e acessíveis aos visitantes, a dualidade em alguns aspectos é bastante confusa e não direciona o turista a uma solução para alguns problemas como hospedagem.

Ao realizar uma busca de ônibus saindo de Teresina em direção à São Raimundo Nonato, sites especializados em fornecer horários, como por exemplo o TemÔnibus e BuscaOnibus, não encontram esse trecho em nenhum dia. O site com as melhores informações a respeito do trecho terrestre e aéreo é o do Real Hotel, um hotel localizado em São Raimundo Nonato.

O ICMBio possui um site também para o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Nele, é possível encontrar uma diversidade maior de informações e direcionamento para quem pretende visitar o local pela primeira vez. Um diferencial, voltando para a questão de hospedagem, é uma lista de hotéis, pousadas e campings separados por localização. O site do Parna Serra da Capivara apenas informa a existência de diversos hotéis e pousadas em São Raimundo Nonato e pousadas e camping em Coronel José Dias. E não fornece nenhum telefone para contato ou website ou endereço.

Os locais mais conhecidos para se hospedar em Coronel José Dias são o Albergue da Serra da Capivara e a Pousada e Camping Pedra Furada. O primeiro faz parte da Cerâmica Serra da Capivara e tem um espaço no website, porém, ao clicar nessa aba, nenhuma informação a respeito de preço, alimentação ou infraestrutura é encontrada. Elas só são fornecidas quando solicitadas via e-mail. Já o segundo não possui website e nenhuma informação oficial a respeito das mesmas informações. Ambos os lugares possuem uma página do Facebook que indica o tempo médio para receber uma resposta caso o turista opte por utilizar esse meio para as obter.

Dessa forma, recolher informações acerca de preços médios e quanto a viagem custará é um pouco mais difícil. Outras questões que atualmente são importantes não se encontram em locais de fácil acesso e/ou não estão na internet. Por exemplo, na região de Coronel José Dias apenas a operadora de celular Vivo funciona. E os estabelecimentos comuns não aceitam cartão de débito e/ou crédito, pois a população estimada para 2017 pelo IBGE é de apenas 4.608 pessoas e ela não sente a necessidade de expandir as formas de pagamento. A demanda de turistas ainda não é o suficiente para convencer os comerciantes a pagar o aluguel da máquina e perder o percentual de vendas. Além de não encontrar nenhuma agência bancária na cidade. Em São Raimundo Nonato, é possível encontrar sinal da Vivo, Claro e Tim. E

apesar de encontrar locais que aceitam cartões de débito e/ou crédito, a cidade não possui agências bancárias para todos os bancos. O banco Itaú, por exemplo, está na lista dos bancos que não se encontram na cidade.

Apesar de básicas, são extremamente importantes para o planejamento do turista, já que influencia na quantidade de dinheiro vivo que deve levar, se pode utilizar o cartão ou se a sua operadora funciona na região ou se deve comprar um chip temporário apenas para essa ocasião. Antes da viagem, só soubemos da operadora de celular pois enviamos um e-mail ao Albergue Serra da Capivara solicitando essa informação. Quanto às agências bancárias, acreditamos que o problema poderia ter sido solucionado mediante o envio de outro e-mail. Entretanto, o mundo digital é uma oportunidade de facilitar a vida daqueles que buscam informações e elas poderiam estar no site do ICMBio ou da FUMDHAM já que são os mais acessados quando falamos de informações básicas. Contudo, nem mesmo os relatos de viagens de turistas que postam em blogs informam esse tipo de “curiosidade” e concentram-se apenas na experiência no Parna.

b. Acessibilidade

Neste tópico, consideramos três diferentes meios de locomoção para chegar nas redondezas do Parque Nacional da Serra da Capivara. Dividimos então em duas principais categorias: aéreo e terrestre. A segunda categoria foi dividida em duas novas partes, pois deve-se considerar o meio de carro e de ônibus.

i. Aéreo

As duas principais cidades que recebem voos nacionais são Teresina e Petrolina. Delas, o turista tem a opção de continuar a viagem por ônibus, carro alugado ou avião até São Raimundo Nonato (essa opção é viável apenas por Teresina). Optamos por chegar ao Piauí pela cidade Teresina, que fica cerca de 500 km de São Raimundo Nonato. A viagem de São Paulo até lá dura cerca de 3 horas e o aeroporto é completo, oferecendo lanchonete, lojas de serviços diversos e de produtos regionais e locadoras de carros.

Na época do início da pesquisa, os voos que partiam de Teresina em direção ao Aeroporto Serra da Capivara possuíam uma capacidade reduzida e aconteciam apenas duas vezes por semana, o que acaba restringindo muitos roteiros e não sendo viável para muitos turistas utilizar esse meio. Atualmente, a frequência é mantida, mas dobraram a capacidade de passageiros para 18 por voo. Eles partem de Teresina, têm uma parada em Picos e depois seguem para São Raimundo Nonato. A empresa principal que realizava essas viagens era a Piquiatuba, mas a companhia aérea TWFly voltou a realizá-los com a mesma frequência.

No dia 03/07/2017, fomos à casa de Niède Guidon para conversar e ter ideias iniciais a respeito do turismo no Parna. A visita foi agendada pela dona da Cerâmica e Albergue, Girleide Oliveira, que foi muito atenciosa e agendou a conversa um dia antes de viajar durante todo o período. De acordo com a professora, a companhia aérea Emirates tinha interesse em criar rotas para o aeroporto, mas a desistência veio logo após as notícias sobre o tamanho da pista se espalharem. Muito se fala em relação ao comprimento da pista principal ser cem metros menor do que o recomendado. Como o aeroporto demorou muitos anos para finalizar, muitos atribuem o encurtamento da pista à mudança das regras que aconteceram nesse meio tempo.

No dia 06/07/2017, visitamos o Aeroporto Internacional Serra da Capivara com o intuito de avaliar as condições da estrutura, movimentação e conversar com alguns funcionários. O dia e horário foi escolhido a dedo, pois queríamos assistir ao pouso do avião e ter a oportunidade de conversar com o piloto e passageiros. Durante o percurso de Coronel José Dias a São Raimundo Nonato, encontramos apenas uma placa sinalizando o Aeroporto e ela se encontrava a apenas 2 km do local.

A falta de manutenção do local foi evidente logo de início. O estacionamento, além de completamente abandonado mesmo com um voo marcado para pousar em poucos minutos, não tinha manutenção regular em relação à grama que crescia nos canteiros e dava uma aparência de mal-cuidado (Apêndices 1 e 2). A parte exterior da estrutura do Aeroporto é muito bonita e moderna. Relatos e pesquisas informaram que foram necessários quase 20 anos para finalizar a construções e cerca de R\$35.000.000,00 foram gastos durante todo o processo.

O segundo andar contava com diversos cômodos não finalizados. Notava-se que instalaram ar-condicionados (Apêndice 3), colocaram placas informativas nas portas, mas não os finalizaram (Apêndice 4). Restos da construção ainda estavam espalhados, assim como acúmulo de poeira e sujeira (Apêndice 5). Nenhum funcionário estava neste andar. O elevador ainda estava envelopado pela película plástica que vem com as peças para evitar riscos, mas que deve ser retirada para uso.

Presenciamos o primeiro pouso com a capacidade máxima de 18 passageiros. A prefeita de São Raimundo Nonato, Carmelita Castro, foi uma das primeiras pessoas a estrear esse voo. Clóvis Dias, funcionário da ESAERO, cedeu um pouco do seu tempo para responder a algumas perguntas. Informações prévias alegavam que a pista (Apêndice 6) era muito pequena para receber aviões de médio e grande porte; e que por esse motivo, outras companhias aéreas não realizavam voos para o Aeroporto. Entretanto, a conversa com o

Clóvis serviu para refutar esse argumento, já que a pista do Aeroporto Serra da Capivara possui comprimento de 1650 metros por 45 metros de largura. O Aeroporto Santos Dumont, por exemplo, possui 1320 metros de comprimento e 42 metros de largura na pista principal. Ele informou, também, que a torre de controle necessária para auxiliar os aviões está sendo construída e que demoraria cerca de 2 meses para finalizar. Tivemos a oportunidade de conversar também com o piloto desse voo, Devair Pasquetto, que ratificou todas as informações dadas por Clóvis. Posteriormente, Arquimedes, segurança do Aeroporto, conseguiu acesso a uma área restrita para que pudéssemos olhar de perto a construção da torre de controle (Apêndice 7).

Uma reportagem da Folha de São Paulo, que trata sobre o abandono do Aeroporto, afirma que as despesas com a manutenção do local atingem R\$ 150.000,00 e que esse valor é pago pelo Estado do Piauí.

ii. Terrestre – Ônibus

A ideia inicial do grupo era de chegar em Teresina e ir direto à rodoviária para comprar uma passagem com destino à São Raimundo Nonato. No entanto, uma pequena confusão na tentativa de alugar um carro impediu que nós fizéssemos esse trecho por ônibus, já que ele sai apenas três vezes por dia e a próxima partida era às 20h. Optamos então por seguir viagem com um taxista, sendo assim, nossa experiência foi com carro e não com transporte coletivo.

Apesar disso, a volta não seria tão fácil. Marcello foi o primeiro a voltar à São Paulo e teve a experiência com o ônibus primeiro. A rodoviária fica em São Raimundo Nonato e apenas duas empresas fazem o trajeto da cidade até Teresina (local escolhido para pegar o avião de volta). Soubemos da promoção da Princesa do Sul apenas no local. O trecho noturno custava apenas R\$60,00 e partia às 20h30 todos os dias com chegada prevista para 05h15. Ocorrem duas paradas obrigatórias. A primeira é em Canto do Buriti cerca de 1h30 após o início da viagem. E a segunda é próxima à Floriano, 3 horas após a primeira parada. Ambas duram cerca de 20 minutos.

A rodoviária fica próxima ao aeroporto. O trajeto de carro durante a manhã demorou menos de 20 minutos.

iii. Terrestre – Carro

Ao desembarcar, as locadoras de carro ficam muito próximas ao portão e um atendente sempre está disponível para lhe atender. A primeira barreira encontrada em relação ao aluguel de carro foi o valor. Uma das locadoras pediu cerca de R\$2.000,00 para ficarmos

com o carro de domingo até domingo, pois o Marcello voltaria para São Paulo nessa data. O valor da gasolina não estava incluso, o que acrescentaria um acréscimo ao valor inicial.

Como perdemos o horário do ônibus na ida, optamos em contratar um taxista que fez o trajeto até o Albergue Serra da Capivara por R\$700,00. O motorista, Machado, afirmava ter noção de como chegava até São Raimundo Nonato, mas desconhecia o trajeto até Coronel José Dias. Saímos de um restaurante próximo ao aeroporto às 15h30, sabendo que grande parte do percurso seria feito durante a noite. O sinal de celular na estrada é muito fraco e insuficiente para fazer pesquisas no Google na maioria das vezes. Há pouquíssimas placas indicando o caminho. Entretanto, a qualidade da pista surpreendeu. Comparando relatos sobre o percurso de Petrolina até Coronel José Dias e a nossa experiência de Teresina até a mesma cidade, é possível afirmar que apesar da distância, a qualidade da pista é superior e não possui trechos esburacados e de terra.

Com sorte, Marcello conseguiu sinal suficiente para visualizar o mapa do local onde estávamos até Coronel José Dias. Caso não fosse possível, não saberíamos chegar ao Albergue, pois nenhuma placa informava a direção que deveríamos seguir. As pistas são repletas de animais, tornando ainda mais perigoso o trajeto à noite. A única placa que sinalizava a direção a ser seguida estava dentro de Coronel José Dias e indicava que o Albergue ficava a 4km de lá e que o Parna ficava a 8km. A próxima placa indicava apenas o local do Albergue, sinalizando que deveríamos virar à esquerda para entrar no local.

c. Infraestrutura local

O tópico “Infraestrutura local” analisa rede hoteleira, restaurantes, serviços disponíveis, condições geoclimáticas da região e estrutura do Parna conforme a observação direta. A divisão separa subtópicos que analisam as cidades visitadas individualmente e um subtópico específico para analisar as condições do Parque Nacional pelo nosso ponto de vista.

i. Coronel José Dias

A ideia de ficar hospedado em Coronel José Dias partiu do Marcello, que possuía um contato na cidade (este contato sumiu pouco tempo antes da nossa ida e deixou de ser um apoio). As fotos na página do Facebook do Albergue Serra da Capivara eram insuficientes para suprir a curiosidade acerca do que esperar na chegada. E o acesso aos preços aconteceu também apenas após solicitar a tabela via e-mail. Arrisco dizer que a surpresa foi muito positiva, pois os quartos individuais são bem equipados e atendem às necessidades básicas dos turistas. Eles contam com duas camas, tomadas de fácil acesso, frigobar, ar-condicionado

e banheiro individual com chuveiro elétrico. A diária custa R\$ 110,00 com o café da manhã incluso (valor individual de R\$ 12,00), mas a opção do quarto compartilhado (albergue) é mais barata e inclui as três principais refeições do dia por R\$ 115,00/dia. O Albergue está em reforma para poder receber ainda mais hóspedes por vez, expandindo o número de quartos que hoje já são mais de 20.

No dia 07/07/2017, poucos dias após chegar em Coronel, visitamos a Pousada e Camping Pedra Furada, localizada no Sítio do Mocó. A dona, conhecida como “Ceíça”, também é uma condutora de visitantes desde 2000 e é formada em História pela USP. Ela comentou que o Parque é pouco visitado por falta de políticas públicas, o que seria um problema brasileiro, em questões de infraestrutura e divulgação, além de que o Piauí é mal visto nacionalmente. “O berço do homem americano não tem internet”. Ela explicou que a gestão na prática sempre foi compartilhada, com IPHAN preservando, FUMDHAM pesquisando e ICMbio chefiando a área, responsável pelas normas. A Pousada possui poucos quartos, mas que podem ser compartilhados. O espaço para camping é razoavelmente grande e disponibiliza uma cozinha compartilhada, pois o café da manhã não está incluso no valor da diária.

Entretanto, ser capaz de receber muitos turistas de uma só vez vai além do número de quartos disponíveis por temporada. Dados retirados do IBGE (Anexo1), mostram que a microrregião de São Raimundo Nonato possui uma precipitação pluviométrica de 516.3 mm/ano, que são mal distribuídos ao longo do ano e concentram-se num período muito específico de dezembro até março, geralmente. O restante do ano é muito seco e os moradores precisam utilizar ferramentas como cisternas para garantir água durante os outros meses. Para fins de comparação, os dados referentes à São Paulo (Anexo 2), mostram que em média a precipitação pluviométrica pode ser até 3 vezes maior. O maior questionamento acerca dessas informações é: se a água é escassa para os próprios moradores, como a cidade reagiria com o aumento de turistas na região?

Outro ponto muito importante é a quantidade de restaurantes disponíveis na região. Além do restaurante do Albergue, fomos em apenas um, que fica localizado na cidade. Teresa Neuma reabriu o restaurante de sua mãe, que era conhecido por todos os moradores e promete uma comida simples, mas muito saborosa por apenas R\$ 15,00 por pessoa. Ali, a família não tem a prática de cobrar 10% a mais pelo serviço, mas descobrimos que os condutores de guia costumam fechar “pacotes” com os comerciantes e levam uma parte do valor cobrado. Assim, a comida servida é a mesma que os moradores pagam R\$15,00, mas com um acréscimo de um

valor que varia entre R\$7,00 e R\$8,00 elevando o preço final; mas sem aprimorar a qualidade da comida que é colocada na mesa.

ii. João Costa

O prefeito de João Costa, Gilson Castro, cedeu seu tempo para conversar conosco a respeito da infraestrutura local para receber turistas e seu interesse no aumento deles. Fomos até a cidade no dia 14/07/2017 e notamos a falta de preparo em relação à infraestrutura disponível para isso. Gilson disse que não há nenhum hotel ou pousada na cidade, mas os recursos hídricos são muito maiores, sendo assim, a quantidade de água disponível é maior do que nas outras cidades. Apesar de encontrar poucos fatos que comprovem essa afirmação, a região é muito mais verde, nota-se a presença de muito mais plantações e uma foto mostrada pelo prefeito mostrava uma fonte de água com alta pressurização. A distância de João Costa até Coronel José Dias pela BR-020 é de 73,1 km e em média, demora-se 2h12 para chegar de um ponto até o outro. Para Gilson, o investimento de grandes empresas é extremamente necessário para que se inicie uma construção.

Entretanto, elas demoram para iniciar e finalizar, especialmente sem ajuda financeira externa, mas Gilson garante que o investimento vale a pena pois o potencial da cidade é grande.

iii. São Raimundo Nonato

Entre as três cidades visitadas, São Raimundo Nonato é a que mais se desenvolveu e oferece serviços aos turistas com mais facilidade. Agências bancárias, lojas de reparo e acessórios de celular e câmeras, pontos de táxi, locadoras de carro, restaurantes... a variedade vai longe! Mas a distância da cidade até o Parna é um ponto negativo (Anexo 3 e 4).

Visitamos a Pousada Zabelê e o Hotel Real a fim de entender como eles se comportam em relação aos turistas. Na visita ao Real, almoçamos no restaurante que fica na parte térrea do prédio e conversamos com o recepcionista do hotel em seguida, pois o gerente estava ocupado por conta da movimentação na hora do almoço. De maneira geral, a movimentação no local é boa e o ponto alto de hóspedes é na época de férias escolares.

Conversamos também com a Márcia da Pousada Zabelê, que deu informações sobre o número de quartos e quantos hóspedes eles comportam. São 16 quartos com capacidade máxima para 50 pessoas. O quarto individual custa R\$100,00 e o duplo custa R\$130,00. Em 2002, a residência passou por uma reforma e transformou-se em pousada, devido a uma visão

turística a longo prazo dos donos. De acordo com ela, cerca de 20% dos turistas são estrangeiros e em sua maioria são franceses.

Rosa Trakalo é uruguaia, residente de São Raimundo Nonato há mais de 25 anos e dona de uma agência de turismo. Ela disse, durante a entrevista que aconteceu no dia 05/07/2017, que “a verdade não chega ao investidor”, responsabilizando o Governo do Estado por isso, apesar de recentemente isto ter melhorado. “Não estamos atrasados no desenvolvimento do turismo” também foi dito por ela, em uma comparação com o desenvolvimento histórico do Parque Nacional do Iguaçu. Aponta que a infraestrutura é o principal entrave para o desenvolvimento do turismo, sendo que inclusive o aumento da divulgação sem o “produto pronto” pode prejudicar o Parque, culpando a mídia e dizendo que falta continuidade nos projetos (de todas as partes). Criticou também a falta de estudo em relação a demanda dos voos. A respeito de números, foi comentado que até 2009 o Parque recebia 9 mil visitantes por ano, número que, após um Congresso Internacional realizado no mesmo ano, subiu para 20 mil e continua ascendendo, de modo que, em sua visão, o mesmo se encontra em bom estado e de acordo com a infraestrutura existente

Giordano, dono da agência Selva Branca, alega que o maior entrave para o aumento do turismo é o acesso. A agência trabalha utilizando apenas o website e vende produtos para outras agências de turismo de São Paulo. De acordo com ele, 70% do público do Parque vem em excursão e que o número não diminuiu com as manchetes equivocadas sobre o fechamento do Parque. Ele enxerga um risco muito alto em investir em infraestrutura quando não há demanda para isso.

Apesar de mais desenvolvida, SRN também não conta com sistema de saneamento básico qualificado. A cidade passou por diversas transformações e reformas, mas ainda deixa a desejar nos quesitos que podem ser considerados importantes pelos turistas.

iv. Trechos visitados do Parque Nacional da Serra da Capivara

Optamos por caminhar do Albergue até a guarita do Boqueirão da Pedra Furada no dia 04/07/2017. O percurso completo não tem mais do que 6km e não possui pouca sinalização sobre qual direção seguir. A única placa que encontramos fica após o portão e próxima à guarita (Apêndices 8 e 9). Alguns mapas antigos estão disponíveis na entrada para que os turistas possam consultar a sua localização e entender melhor a disposição e tamanho do Parque (Apêndices 10 e 11). Para concorrer com os condutores de visitantes, o Parque oferece

guias gratuitos para acompanhar os turistas no roteiro mais comum: Boqueirão da Pedra Furada.

O Marcos - irmão da Girleide - nos ajudou a dispersar a informação sobre a autorização da doutora Niède, então não tivemos dificuldade de acessar o Parque sem pagar a taxa de entrada. Um segurança nos acompanhou até o Centro de Visitante, explicou no caminho que a incidência de acidentes envolvendo animais é muito pequena e que em 16 anos ele encontrou apenas 5 onças. Contou um pouco sobre a fauna, falou um pouco mais sobre os turistas estrangeiros e que neste ano, passou por apenas 5. Na visão dele, o número de visitantes diminuiu muito, principalmente após as notícias sobre o fechamento do parque, confusão de gestão e informações que são passadas por todo o Brasil. Ele citou o número de visitantes próximos a 17,000.

A infraestrutura do Centro de Visitantes não é ruim. A lanchonete é bem servida de salgados, bebidas e sorvetes Nestlé. Ao lado, há uma lojinha de cerâmicas e uma amostra de réplicas e restos de animais extintos. O banheiro deixa um pouco a desejar, mas há o básico. Duas cabines e duas pias com sabonete líquido e papel descartável para enxugar as mãos. Encontramos o nosso guia Arivan do Nascimento Lima em seguida, que nos levou para o Boqueirão da Pedra Furada, deu explicações muito interessantes sobre o local e nos guiou em uma caminhada pelo parque com a ajuda do carro que alugamos junto.

A visita durou cerca de 3h (com a presença do Arivan) além do tempo de caminhada até o Parque. Terminamos o tempo lá com compras na lojinha que fica na guarita principal (os preços dos souvenir foram justos e baratos) e fotos de uma espécie de porco selvagem e um pássaro regional. Notamos a existência de placas antigas envolvendo de empresas que hoje parecem não ser mais parceiras. As placas mais atuais possuem a sinalização da Petrobrás (Apêndice 12).

Em todos os roteiros que fizemos, notamos a presença de “facilitadores” como escadas de madeira, corrimão, degraus de pedra e cercas. A trilha do Boqueirão da Pedra Furada, que é a mais famosa e mais visitada, possui mecanismos que facilitam a visita de pessoas com deficiência física, como por exemplo rampas. As placas que foram feitas pela Petrobrás servem para indicar o caminho inicial assim como o nome da trilha ou do destino final.

Atualmente, o Parque oferece uma visita noturna (Apêndice 13), que cobra uma taxa a parte do ingresso. As luzes imitam a iluminação de fogueira, já que muitos acreditam que as pinturas eram feitas na parte da noite. A visita busca reproduzir a sensação de enxergar as pinturas rupestres pela visão de que as fez.

Ressaltamos que as visões presentes nessa seção refletem apenas as nossas percepções dos trechos visitados. O Parque Nacional da Serra da Capivara possui uma extensão muito grande, que não pode ser explorada por completo durante o tempo que passamos na cidade.

d. Condutores de visitantes

É obrigatório contratar um condutor de visitantes para entrar no Parque Nacional da Serra da Capivara. O preço atual é fixo (R\$150,00) para um grupo de até 8 pessoas e não inclui as despesas de locomoção e nem o preço do ingresso. Entretanto, encontrar um condutor acaba não sendo tão fácil quanto poderia e deveria ser. O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) disponibiliza uma lista no site com o nome, associação, habilidades entre diversas outras informações úteis. Porém, ela não é atualizada desde 2014. Realizamos uma pesquisa entre os condutores mais ativos (cerca de 15 deles responderam às nossas perguntas) e 85% informou que gostaria que ela fosse atualizada, pois algumas informações já mudaram e são relevantes para os turistas saberem. Por exemplo, entre 2014 e 2017 uma nova associação foi criada e condutores de outra migraram para ela, mas de acordo com a lista do ICMBio ela não existe. Arivan Lima da equipe Craôs informou que há um ano eles tentam atualizar a lista, mas não obtém resposta. Porém, a dualidade de website (FUMDHAM e ICMBio) pode acabar confundindo o turista que busca certas informações e acredita que exista apenas um deles. Nós, por exemplo, não tivemos acesso a essa lista antes de chegar à Coronel José Dias e tivemos que pedir indicações para os funcionários do Albergue Serra da Capivara para encontrar um condutor que aceitasse nos acompanhar durante todo o período.

Perguntamos ao Arivan como o preço variou ao longo do tempo. Desde 2001, aproximadamente quatro reajustes aconteceram até chegar no valor atual, variando de R\$45,00 até R\$150,00. O primeiro reajuste que ele presenciou foi de R\$45,00 para R\$80,00, representando um aumento de 77,77%. O segundo foi um pouco mais ameno já que a mudança foi de 25%, passando a cobrar R\$100,00. Os dois seguintes foram de 20% e 25%, respectivamente, até chegar no valor atual. Na mesma conversa que tivemos com Rosa Trakalo, ela menciona os problemas em relação a falta de flexibilidade dos condutores em cima desse valor único. Criticou o monopólio que eles possuem e disse que não há um sindicato responsável por estabelecer esses preços.

Em contrapartida, Arivan, quando questionado, afirmou que de fato a taxa é fixa, mas se ambas as partes estiverem dispostas a negociar, alterações podem ser feitas. Assim, não é algo universal e varia de guia para guia.

Os turistas em geral estranham a questão da obrigatoriedade e deixam para procurar um guia apenas quando chegam ao local - dados empíricos comprovam essa afirmação. Todavia, poucos entendem os motivos. Os Parques Nacionais são responsabilidade do ICMBio, que estabeleceu durante muito tempo que turistas não poderiam entrar desacompanhados. Em 2008, o Instituto retirou a obrigatoriedade, mantendo exceções. “No entendimento do ICMBio, em casos em que a unidade de conservação precise garantir a integridade do patrimônio, o bem-estar e a segurança dos visitantes e das comunidades residentes ou para visitação em ambientes que necessitam de proteção especial, a obrigatoriedade da contratação de condutores de visitantes pode ser adotada.” Esse trecho retirado da matéria publicada no *Contas Abertas* explica os motivos pelos quais o Parque Nacional Serra da Capivara optou por manter a regra. O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, poucos meses após liberar a entrada de turistas sem acompanhamento, relatou o aumento de lixo nas trilhas, diminuição dos cristais presentes no Parque e queda na economia da Vila de São Jorge. O Parque Nacional da Serra da Capivara abriga dezenas de sítios arqueológicos e incontáveis pinturas rupestres, que já sofrem a deteriora o acelerada por questões climáticas diariamente. Retirar a obrigatoriedade dos condutores de visitante significa colocar em risco a preserva o do Patrimônio Mundial.

Bruno Freitas, condutor de visitantes e associado à Equipe Cra s, expressou uma opinião comum entre os condutores. Ele acredita que a taxa não condiz com o grau de qualifica o dos condutores, que são formados, especializados e possuem um vasto conhecimento sobre fauna e flora. Na sua opinião, o trabalho   qualificado e deveria ser mais valorizado. Acrescentou também que muitos turistas ao saberem dessa taxa ficam assustados, mas que ao final do trabalho, elogiam e comentam que o valor é pequeno comparado ao serviço oferecido. Finalizou o comentário dizendo que um grupo de São Paulo o parabenizou pelo trabalho e disse que nunca estiveram em um lugar onde todos os guias sabiam tantas informações (do Parque e em um panorama geral).

Erivan, presidente da associa o Tribos da Capivara e condutor de visitantes desde 2005, ressalta a divulga o fraca do trabalho, que consiste apenas em boca a boca e redes sociais. E para ele, o engessamento do preço dos guias é um obstáculo grande.

e. População local

A análise feita neste tópico busca relatar os mais diversos pontos de vista encontrados ao longo da pesquisa. A macrorregião de São Raimundo Nonato não era o suficiente para ser usada como referência, pois cada cidade e povoado demonstraram um perfil diferente quando o assunto era o Parque Nacional. Dessa forma, optamos por separar em três tópicos: São Raimundo Nonato, Coronel José Dias e o Povoado Zabelê.

i. São Raimundo Nonato

A população estimada pelo IBGE para 2017 é de 34.109 habitantes, sendo cidade mais populosa da microrregião. O salário médio dos trabalhadores formais é de 1,8 salários mínimos, considerando aproximadamente 3.813 pessoas. Dentre todas as cidades que constituem o Parque, São Raimundo Nonato é que a mais se beneficia em termos de divulgação em rede nacional, pois o Parque é atribuído exclusivamente a ela. O assunto delicado da desapropriação surgiu em menos conversas se comparado às entrevistas realizadas em Coronel José Dias.

Fomos até a sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no dia 11/07/2017 e conversamos com a chefe do escritório técnico do Iphan em São Raimundo Nonato, Dra. Ana Stela Negreiros Oliveira. Descobrimos que o escritório foi criado em 2005 e que perante a UNESCO, o responsável pelo Parna é o IPHAN. Eles são vinculados ao Ministério da Cultura e mantém uma parceria com a prefeitura da cidade. O Instituto realiza ações com as crianças matriculadas em escolas, oferecendo jogos que remetem ao Parque de alguma forma. Tivemos a oportunidade de jogar um jogo inspirado nos maniqueiros, além de ganhar um exemplar dele e do jogo da memória (que apresenta breves explicações ilustrativas). Ela acredita que o município sai beneficiado por ser um polo regional, ter universidades e sedes dos principais órgãos da região, não pela questão legal do Parque. Por fim, ela culpou a crise, a infraestrutura e a falta de divulgação pelo número baixo de turistas, além de que é necessário conscientizar o povo e os empresários.

A rádio Serra da Capivara AM nos recebeu muito bem. Hilton contou que a rádio existe há mais de 35 anos e já cobriram eventos próximos quando necessário. Possuem bom relacionamento com a professora Niède e naquela época (julho/2017), divulgaram gratuitamente a campanha sobre o documentário que estava sendo produzido sobre a professora. Diariamente, eles transmitiram o anúncio mais de 10 vezes.

ii. Coronel José Dias

A população de coronelinos estimada para 2017 - de acordo com o IBGE - é de 4.608. O salário médio mensal dos trabalhadores formais é de 1,5 salários mínimos e conta com 335 pessoas ocupadas (censo feito em 2015). Em uma visita que fizemos ao CRAS, conversamos com Brenda e Pedro, que forneceram informações a respeito do Bolsa Família. Disseram que ao todo são 918 beneficiados, acumulando um valor de R\$200.018,00 por mês, mas que acaba se concentrando em São Raimundo Nonato, pois a maioria das pessoas retira o benefício lá.

Uma das nossas primeiras conversas aconteceu com seu Nivaldo e dona Carmelita, moradores de Coronel e empregados na Cerâmica e no Albergue. Ambos estavam presentes quando Niède Guidon veio pela primeira vez à Coronel na década de 70. Seu Nivaldo acompanhou a professora em suas primeiras expedições dentro do Parque - que naquela época não era considerado um Parque ainda - e a casa do casal serviu como abrigo para ela durante todos esses dias. O atual terreno do Albergue e da Cerâmica foi uma doação feita por eles, que enxergam como algo muito bom, pois a terra não era produtiva e a Girleide conseguiu gerar muitos empregos, já que todos são moradores da cidade.

No dia 06/07/2017, tivemos a incrível oportunidade de conversar com Marília Gomes, condutora de visitantes associada à Tribos da Capivara, professora da rede municipal e que faz parte de um projeto incrível chamado Instituto Olho D'Água. “Finalmente, com o objetivo de incentivar a participação da comunidade local em iniciativas empreendedoras, pretende-se a realização de cursos de formação continuada para agentes locais em preservação do meio ambiente cultural, turismo sustentável, contadores de histórica, monitores de visitantes, gestores culturais no sentido de fomentar a sustentabilidade cultural e fruição social das comunidades envolvidas ao Instituto.” Este trecho retirado do site do próprio Instituto, resume um pouco o trabalho árduo que eles têm. Ela acredita que o rancor é de certa forma enraizado e que os (moradores) manter por fora do que é decidido e discutido não tem efeito positivo (atitudes de cima para baixo).

De modo geral, os coronelinos mais velhos possuem uma relação conturbada com o Parque. Marian Helen da Silva Gomes Rodrigues, uma das fundadoras do Instituto, baseou a sua tese do mestrado na cidade e a sua relação com o Parna (*Parque Nacional Serra da Capivara e Comunidade: Educação, Preservação e Fruição Social*) e identificou que essa parte da população desconhece certos termos técnicos e nunca visitou o Parque (Anexos 5 e

6). O motivo que leva a faixa etária mais jovem a conhecer e sentir que o Parque faz parte deles é a matéria complementar Parque Nacional (PN).

No mesmo dia, conversamos com o ex-Secretário de Educação e atual de Esportes de Coronel José Dias, José Roberto. Ele nos contou que a cidade é o primeiro município a aplicar a educação contextualizada, que pensa na questão local sem esquecer do global e insere o contexto da comunidade nos livros didáticos. Além de oferecer a disciplina PN aos alunos do 6º ao 8º ano, dividindo a matéria em quatro núcleos e incentivar a ida ao Parque constantemente. Ele disse que é uma das poucas ações de política pública, e que alterou a visão da ICMBio e da FUMDHAM como inimigos, retirando o pessoal da caça, de modo que “só podemos mudar a realidade local através das ideias”. A respeito da capacitação dos professores para tal, foi adquirido material e levantada a discussão apenas, visto que faltam recursos para uma formação contínua. Finalizamos esta conversa com um relato do Secretário, afirmando que atualmente o problema diz respeito a fomentar o empreendedorismo nos jovens, de modo a evitar a evasão dos mesmos, visto que este é o passo posterior a conquista de conscientização do mesmo sob o Parque. Para isto, possíveis investidores seriam essenciais, mas a questão federalista afeta muito o município, principalmente devido a seu pequeno porte.

Consequentemente, Arivan nos ajudou a encontrar alguns professores que dão a disciplina PN. O primeiro entrevistado foi Valmir, que trabalhava na Secretaria de Educação na época e o alocaram como professor de PN - sem capacitação - e de Geografia. Em contrapartida ao que foi dito pelo José Roberto, não forneceram um material especial para a disciplina, mas enxerga as aulas de 45 minutos como uma ótima oportunidade para construir uma Empresa Júnior que incentivem “consultorias” pro turismo.

Sócrates Silva, condutor de visitantes, associado à Tribos da Capivara e professor de PN, enfatizou a importância de capacitar os professores que vão dar a matéria e lamentou a falta de objetividade e visibilidade. Outro ponto que vai contra o que foi dito anteriormente, é a falta de recursos para levar as crianças ao Parque. Ana Meres, diretora da escola municipal Monsenhor Nestor desde 2012, ressaltou a falta de interesse dos alunos em relação ao PN e de estruturação, pois os professores precisam buscar materiais de apoio em outros lugares. Filomena Leiva, diretora da escola municipal Raquel Ferreira de Oliveira (Apêndice 14) e que trabalhava na Secretaria de Educação na época em que o PN foi criado, contou que na época foi feito um levantamento de conteúdos e divisão do PN em cada ano, com o turismo e a infraestrutura contando na grade. Todavia, ela considera isto engessado, visto que vigora até

hoje; ademais, a população se afasta do Parque por achá-lo privado, e ele precisa se tornar maior gerador de renda. Para ela, sobre a população e o apoio ao Parque, no que diz respeito às desapropriações, “se não tivesse sido do jeito que foi seria mais difícil chegar aonde chegamos”. Ela contou também que a única reação negativa ao PN foi de professores, pela falta de material, e contou a história do Projeto Fecundação no município, financiado em R\$1 milhão pela CARTAS da Alemanha, durante 5 anos e com ações pontuais posteriormente, para que a educação contextualizada se tornasse uma política pública.

Visando entender o papel empreendedor dos comerciantes de Coronel, conversamos com Mariana Costa, que coordena o projeto do SEBRAE na cidade. As duas primeiras oficinas oferecidas foram “Sei comprar” e “Sei planejar”, que ambientam os empreendedores. O convite é feito em sua maioria pessoalmente e o projeto é financiado pela prefeitura. Uma consultora de Teresina vem até a cidade aplicar as oficinas e essa parceria da prefeitura com SEBRAE busca capacitar também os jovens, criando cursos voltados a eles.

Visto que mudar a cabeça dos mais velhos é uma tarefa árdua, os envolvidos tentam aos poucos inserir a cultura do Parque e do empreendedorismo nos jovens. Para eles, é uma solução ao longo prazo, mas que já dá resultados.

iii. Povoado Zabelê

As pessoas que moravam no antigo povoado Zabelê são a perfeita representação dos motivos pelos quais os mais velhos sentem rancor pelo Parque. Não necessariamente é o sentimento que eles sentem, mas sim a situação pelo qual eles passaram. Zabelê era um povoado que habitava o Parque Nacional da Serra da Capivara antes da sua criação. De modo geral, as pessoas que moravam lá eram autossuficientes e aproveitavam a terra onde moravam. A criação do Parque ocasionou uma desapropriação em massa e os moradores foram obrigados a deixar suas casas de forma violenta. Como muitos não tinham os documentos referentes aos terrenos, apenas aqueles que o possuíam tiveram direito a uma quantia muito baixa de indenização. Alguns chamam de massacre, outros só guardam memórias doloridas do dia em que tudo aconteceu.

Fomos até o novo Zabelê conversar com Noca e sua esposa, antigos moradores que dão entrevistas para o Colégio Santa Cruz e jornalistas, que buscam entender um pouco melhor da sua história. Eles disseram que o dinheiro da indenização foi insuficiente até para comprar outra casa. Durante muitos anos, não tinham uma casa para morar.

f. Questões políticas

Após a criação do Parque Nacional, os municípios que o compunham começaram a se desmembrar e emanciparam-se, dando origem a novos municípios. São Raimundo Nonato era detentor da maior parte do território do Parque Nacional, entretanto a emancipação do município de Coronel José Dias (maior território do Parque Nacional atualmente) não significou que a justiça fizesse as alterações legais nos documentos. Dessa forma, São Raimundo Nonato ainda é divulgado mundialmente como o dono do Parque Nacional da Serra da Capivara. A cidade Coronel José Dias fica apenas a 8km da guarita da Pedra Furada, enquanto a entrada mais próxima de São Raimundo Nonato fica a cerca de 35km.

O principal motivo pelo qual essa divulgação é problemática é o fato de que os turistas acabam não conhecendo a cidade Coronel José Dias e buscam apenas informações relacionadas à São Raimundo Nonato. Dessa forma, o turismo em Coronel José Dias não possui incentivo e acaba por não desenvolver todo o seu potencial.

Durante a nossa pesquisa, soubemos de uma exposição que aconteceu em um shopping de Teresina sobre o Homem Americano. Conversamos no dia 10/07/2017, via skype com Monique Menezes, subsecretária de turismo de Teresina. Curiosamente, a primeira coisa que ela nos perguntou foi “Vocês estão em São Raimundo?”. Ela nos contou que não há ações conjuntas na área, visto que ainda não há um pensamento estadual, e também que o aeroporto de São Raimundo não possui viabilidade financeira. Ela citou uma câmara setorial de turismo que foi realizada, da qual tentaremos extrair alguns dados; a relação de seu órgão com o Estado é boa, mas ainda falta atenção dos órgãos públicos, principalmente marketing pelo Governo do Estado. Monique diz que o aumento do turismo em um local aumentaria o de outro, e que mesmo o desenvolvimento do novo aeroporto não atrapalharia Teresina. Sobre o Parque, ela continua dizendo que “não deve ser turismo de massa, é mais sofisticado”, compara com outros “turismos de mata”, como na Amazônia, e diz que as estradas são difíceis, além do fato de que, quando residia em Niterói/RJ, sequer sabia da Serra.

i. São Raimundo Nonato

Ana e Rosinha da Secretaria de Turismo da cidade, cederam seu tempo para conversar conosco em uma entrevista agendada de última hora. Ana contou que o órgão foi criado em 2006, mas está sendo estruturado apenas agora, ressaltando sempre que a culpa não é da

gestão nova devido ao pouco tempo de trabalho. Ela disse que por São Raimundo ser o polo e origem de 18 municípios, é natural sua dominância e maior estrutura. Devido à pouca verba da pasta, parcerias são necessárias e estão sendo feitas com a Secretaria do Estado, Governo Federal e com empresários, afinal, “a cidade é turística, mas sem cara de turismo”. O aeroporto mesmo pode ser um indício do início da expansão do turismo, mas a continuidade das obras não depende deles. O órgão está produzindo material para divulgação do Parque a fim de substituir o antigo (Apêndice 15), e a população apoia o turismo, visto que movimenta a economia. Ela também nos disse que a cidade foi apontada como 1 dos 65 roteiros turísticos brasileiros pelo Ministério do Turismo. Ela nos deu um guia sobre todos os pontos turísticos do Piauí, oferecido gratuitamente pelo Governo do Estado.

A projetos nas escolas municipais, como o “Conhecer para Preservar”, que conscientizam a população, assim como o turismo religioso tem sido muito incentivado. Há uma boa relação com os órgãos que gerenciam o Parque, e ideias de projetos com outros municípios, em outros ramos (gastronomia). Ana contou que não há dados sobre o turismo na cidade, e a relação com os guias é boa, sendo a capacitação um dos pilares do relacionamento. As ações são distantes dos demais municípios, pela distância física, falta de verba e de parcerias. Para ela, o que mais trava o turismo é a dificuldade de acesso e os altos preços, além de que a comunicação do Governo está sendo falha. Por fim, ela contou que está tentando trazer o Ministério do Turismo.

Carmelita Castro conversou conosco dois dias depois. Ela enfatizou as melhorias que fez e lamentou que o último prefeito não era a favor do turismo e por conta disso não criou políticas públicas que o incentivassem. Contou um pouco sobre as dificuldades que encontrou na transição de gestões, mas que sente um carinho muito forte pelo parque, pois sua família era dona de terras lá dentro. Na sua visão, as gestões centralizadas marginalizam a população e são o motivo pelo qual ela não se sente parte do todo. Quando questionada sobre o aeroporto, a prefeita criticou a parada que Picos, que consome grande parte das vagas do avião e impede que os turistas o utilizem para chegar em São Raimundo Nonato. Um dos pontos altos da sua gestão foi o evento Ópera da Serra da Capivara “que põem em sintonia o diálogo entre música, dança, teatro, imagem, luz e cor, na atmosfera mágica do anfiteatro da Pedra Furada, coração do Parque Nacional da Serra da Capivara, Sertão do Piauí.”, de acordo com a própria organização. Foi um evento que contou com a parceria da Prefeitura de SRN e do Governo do Estado do Piauí. De acordo com Carmelita, nenhum dos outros prefeitos demonstraram interesse em participar e ajudar na preparação do evento.

ii. Coronel José Dias

Maria Betânia, atual Secretária de Turismo da cidade foi até o Albergue, acompanhada do seu filho Ulisses discutir a sua visão sobre o Turismo e melhorias que fez na sua gestão. O objetivo da secretaria é difundir a ideia de que o Parque Nacional é em Coronel José Dias e não em São Raimundo Nonato, então para isso, começaram a fazer pequenas mudanças para isso como guias turísticos. Destacou a iniciativa de aperfeiçoar o nível de inglês dos condutores em parceria com o Instituto Piauí. De acordo com ela, não houve nenhum contato por parte da Prefeitura e Secretarias de São Raimundo Nonato e que por isso o evento não foi divulgado com o nome de Coronel José Dias. Outro ponto levantado é de que os turistas passam o dia inteiro na área de Coronel, mas não são informados pelos condutores e voltam para São Raimundo Nonato apenas para dormir e comer. São Raimundo Nonato possui um site próprio da Secretaria do Turismo, mas Coronel José Dias ainda está ligado ao estado. Uma das ações feitas pela prefeitura, também, foi a instalação de placas indicando o caminho inicial para chegar aos sítios arqueológicos, mas foram destruídos pouco tempo depois.

José Hermes Carvalho (PR), Vereador de Coronel José Dias, que diz fazer uma “oposição responsável”, iniciou a conversa contando que a população não conhece a real função de um vereador, achando que ele está eleito para ajudar individualmente e não a cidade. Este é o terceiro mandato dele, que já foi candidato a prefeito, e participa das 2 sessões mensais da Câmara.

Ele conta que há pouco relacionamento com São Raimundo Nonato, apenas há no que diz respeito ao desenvolvimento sustentável, mas não há consórcios e “a região não tem espírito de cooperativismo”. Hermes contou que não há nenhum projeto sobre a questão legal do Parque ou sobre turismo na Câmara, e isto é importante para ter mídia na cidade, algo que o Executivo deveria resolver (legalidade). Ademais, outro ponto ressaltado foi de que falta os vereadores (9) não estão capacitados. Em sua percepção, o turismo cresceu, com mais estudantes, mas ainda há potencial, sendo que o Museu da Natureza contribuirá ainda mais para o desenvolvimento local. José falou também a respeito das obras do Governo Federal e do Estado no município, destinadas ao turismo, mas que estão paradas há 10 anos por falta de demanda (Apêndice 16).

O vereador não possui dados sobre turismo e para ele, a população ainda não vê o Parque como potencialidade, mas isto está mudando com os jovens; ademais, a infraestrutura

e divulgação são muito fracas. Por fim, ele ressaltou que a questão política deva ser resolvida pelo Executivo.

Maninho, prefeito da cidade, afirmou ter intenções de estruturar a cidade para preparar os comerciantes para receber os turistas. Quando questionado sobre as construções dos quiosques, disse que deveriam ter finalizado em 2014. De início, disse que não havia nenhuma previsão para conclusão, mas após alguns segundos, corrigiu a sua fala e prometeu que tudo estaria finalizado até dezembro de 2017. Seu plano para os quiosques é de transformar em um local exclusivo para comerciantes e artesãos venderem seus produtos gratuitamente, mediante pagamento de um imposto. Ele enxerga a divulgação de São Raimundo Nonato como detentora do Parna como um problema exclusivo de marketing e diz que a mudança não mudaria muitas coisas. Em relação à infraestrutura, mencionou a construção de um prédio que está pronta para receber um hotel, mas não há ninguém interessado em o alugar.

Análise de dados

Optamos por realizar a análise de dados por meio de uma tabela, que explica de forma objetiva as nossas percepções, problemas detectados por outros pontos de vista e iniciais ideias de melhorias. A tabela a seguir divide cada um dos envolvidos apontados anteriormente em: problemas apontados (aqueles que foram ressaltados como problemas durante as entrevistas), problemas detectados (aqueles que percebemos durante a pesquisa), meio (forma como os problemas foram percebidos) e possíveis soluções, que serão mais exploradas na próxima seção.

	Problemas apontados	Problemas detectados	Meio	Algumas possíveis soluções
Informações disponíveis	Divulgação de informações incoerentes;	Informações divergentes; falta de informações para planejamento;	Entrevistas; observações diretas e indiretas.	Explorar melhor as redes sociais; condensar as informações básicas.
Acessibilidade	Falta de manutenção nas estradas; má divulgação do Aeroporto; tempo de deslocamento	Falta de sinalização; sinal de celular para GPS; falta de informações.	Entrevistas; observações diretas e indiretas.	Melhorar a divulgação; estudo de demanda; implantação de sinalização; investimento em melhoria do asfalto.
Infraestrutura local	Falta de pousadas mais luxuosas; falta de atrações noturnas; falta de divulgação; falta de investimento do governo.	Uso exclusivo de dinheiro vivo; recursos hídricos; divulgação que deixa a desejar; falta de loja de souvenir.	Entrevistas; observações diretas.	Estudo de demanda; estudo em cima dos ecoturistas; finalizar obras iniciadas; estudo sobre o impacto do aumento de turistas e recursos hídricos; melhorar a divulgação; viabilidade de facilitar o pagamento; economia compartilhada.
Condutores de visitantes	Monopólio; preços altos; preços injustos; inflexibilidade; obrigatoriedade.	Comunicação; preço; valorização; divulgação.	Entrevistas; observações diretas e indiretas.	Alinhamento quanto ao discurso dos condutores; revisão do preço cobrado; formas de divulgar o trabalho; cultura de valorização.
População local	Falta de pertencimento; rancor; capacitação; enxergar o turismo como algo positivo.	Capacitação dos comerciantes; forma como enxergam o Parque; problemas mal resolvidos; visão empreendedora.	Entrevistas; observações diretas.	Expandir os workshops do SEBRAE; cultura em prol do turismo; trabalhar a relação dos moradores com o Parque.
Questões políticas	Diálogo; rivalidade; problemas mal resolvidos; desvantagens de localização; problemas mal resolvidos.	Diálogo; entendimento sobre quem é o detentor do Parque; dedicação ao desenvolvimento local; Coronel José Dias em segundo plano; divulgação eficiente.	Entrevistas; observações diretas.	Atualização dos folders físicos e disponibilizá-los online; conversa entre prefeituras; plano de desenvolvimento; finalizar obras.

Propostas de mudança

a. Informações disponíveis

Os dois maiores responsáveis pelos sites informativos relacionados ao Parque Nacional Serra da Capivara são o ICMBio e a FUMDHAM. Como ressaltado anteriormente, as informações presentes em ambos os sites divergem em relação ao preço cobrado atualmente para a entrada de turistas. É interessante, além de atualizar o valor, unir todas as informações em um único site e garantir que ele seja a única fonte oficial para o turista. Dessa forma, evita-se imprecisões e garante que todas as informações básicas cheguem a quem tem interesse. Como o intuito é facilitar a vida do turista, é interessante adicionar uma lista dos hotéis, pousadas e albergues disponíveis nas cidades de São Raimundo Nonato e Coronel José Dias, garantindo que o endereço, telefone e site (se houver) estejam disponíveis com facilidade.

Outro ponto interessante é adicionar os detalhes, que no mundo atual fazem a diferença. Informações referentes a quais bancos estão presentes em quais cidades (informar o endereço das agências e dos caixas eletrônicos é um ponto positivo) e quais operadoras de celular têm antenas na região são imprescindíveis.

b. Acessibilidade e infraestrutura local

Conforme apontado por José Ernesto Marino Neto na entrevista realizada em 2016, após a crise de 2008, o homem busca com ainda mais força o conforto, a segurança e a qualidade. Um dos motivos que ele ressalta para o desenvolvimento do turismo em economias mais avançadas é a questão de qualidade de produto, de serviço, de preço, de infraestrutura e segurança. Surpreendentemente, esse tópico foi o mais citado como dificuldade pelos turistas entrevistados. Alguns arriscam dizer que a hospedagem pode ser resolvida na hora, mas o acesso à região é um entrave muito forte. A qualidade da estrada de Teresina até São Raimundo Nonato/Coronel José Dias é muito boa, mas a falta de sinalização compromete a chegada, principalmente se o percurso é feito durante a noite. Infelizmente, o mesmo não se aplica ao percurso de Petrolina até São Raimundo Nonato/Coronel José Dias. O morador Manoel Messias, durante uma entrevista ao G1, disse: *são 39 km de rodovia sem manutenção há 18 anos, que já foi apontada pelo Guia Estradas Brasil e Guia 4 rodas como a pior do país. É um trecho importantíssimo para o escoamento de hortifrutigranjeiros [atividade ligada à plantação de hortaliças, legumes e frutas] do pólo São Francisco, que vêm de Petrolina e Juazeiro para o Piauí.* Apesar de não mencionar, a BR-324 serve de acesso ao

Parque Nacional da Serra da Capivara e ao Aeroporto Internacional Serra da Capivara. Assim, a rodovia que liga Petrolina até o Parque Nacional da Serra da Capivara e que possui a menor distância é descartada pelos turistas, que preferem não arriscar. Entretanto, apesar da falta de manutenção ser um ponto negativo, a falha do asfalto está presente em diversos pontos da internet e não é uma surpresa muito grande para os desavisados.

Mas antes de pensar em melhorar a divulgação, os governos devem centrar seus esforços em melhorar a sinalização das rodovias. O sinal de celular é precário na região e descarta a possibilidade de depender dos aplicativos de rotas online, dessa forma, recorrer ao método antigo de informar a distância do ponto até a cidade, retornos e indicações de direção é muito eficaz e deve ser instalado o quanto antes, respeitando uma distância mínima considerável entre cada indicação.

Agora, trataremos o problema mais citado ao longo de toda a pesquisa: divulgação. Neste tópico, buscamos analisar a forma como esses assuntos chegam ao turista. Na parte de acessibilidade, a falta de informações referente aos ônibus que partem de Teresina e Petrolina em direção à São Raimundo Nonato atrapalha o planejamento do turista, que requer esses detalhes para programar roteiro e orçamento. Em nenhum local é possível encontrar o valor das passagens, horários atualizados ou duração da viagem. Recomendamos que as empresas busquem mecanismos de adicionar informações como estas em sites de horários de ônibus nacionais ou coloque-as em um site próprio. Assim, essa forma de locomoção pode ser considerada em mais oportunidades.

A página do Facebook do Aeroporto Internacional realiza um ótimo trabalho, divulgando diariamente as notícias das companhias aéreas relacionadas ao preço do voo, horários e destinos. É uma alternativa eficiente para condensar as informações e garantir que elas cheguem ao turista. Recomendamos que os responsáveis pela gestão do Aeroporto garantam uma forma de locomoção para os turistas, uma vez que o sinal de telefone não funciona, impossibilitando que realizem ligações para taxistas da região. Ademais, sugerimos que em segundo plano, um estudo sobre a demanda aconteça. Diversas vezes, apontaram que grandes companhias aéreas não voam para a região por falta de demanda. Então, sugerimos que o estudo seja feito, mapeando quantos passageiros são moradores locais, transitando de uma cidade a outra e quantos são turistas buscando uma forma mais rápida de chegar ao Parque. Dessa forma, além de poder usar os resultados como argumentação para trazer outras companhias aéreas, são fortes indicativos de turismo, que podem ser aplicados a outros setores futuramente. É interessante acrescentar uma nota explicativa, esclarecendo a questão

sobre o tamanho da pista que ainda é muito polêmica e divergente em diversas fontes. Por fim, ao entregar os resultados da pesquisa, os responsáveis devem garantir que a torre de controle esteja finalizada.

Quanto a infraestrutura, sugerimos uma pesquisa o quanto antes para estudar o impacto de aumentar o número de pessoas na região em relação aos recursos hídricos disponíveis. Se for o caso, estudar a questão da disponibilidade de água da região de João Costa pode ser a solução para caso a resposta do impacto seja muito alta.

Em relação a São Raimundo Nonato, a rede hoteleira atendas às expectativas. De fato, há muito a ser desenvolvido, mas os sites cumprem a sua função informativa e fornecem dados objetivos aos turistas.

Coronel José Dias por outro lado, peca em questão de informações disponíveis. Entretanto, uma proposta surgiu numa conversa com Marian Helen e Jorlan, quando a Laryssa passou a manhã no Instituto Olho D'Água conversando a respeito da tese de Marian e as perspectivas dos dois. Ambos confirmaram que “todo mundo tem um quarto em casa sobrando”. Um modelo econômico que está muito em alta é a economia compartilhada, que surgiu a partir das preocupações ambientais, a recessão global, as tecnologias e redes sociais e a redefinição do sentido de comunidade. Airbnb é uma plataforma digital (normalmente utilizada através de um aplicativo) que conecta alguém que possui um espaço sobrando e esteja disposto a dividir a sua casa com um hóspede que busca opções baratas para se hospedar em um determinado local. Dezesseis dias foram o suficiente para perceber a hospitalidade de Coronel José Dias e o sentimento de união que a cidade tem. Acreditamos que esse potencial pode ser utilizado e com isso, evitamos que mais prédios precisem ser construídos e a infraestrutura demore a ficar pronta. Tanto Coronel José Dias, quanto São Raimundo Nonato podem usufruir dessa ferramenta. Um empecilho é a questão da falta de smartphones espalhados pelas casas da cidade, mas sugerimos que mais uma vez a cidade una forças e quem tiver o aplicativo instalado no celular ajude aqueles que não os possuem.

À parte, como a publicação mencionada sobre o ecoturismo brasileiro relata, é interessante que os órgãos interessados (ICMBio, FUMDHAM, prefeituras e governo do Estado) entendam o perfil do turista que visita o Parque. Dessa forma, um outro estudo pode ser iniciado, visando se aprofundar nos motivos pelos quais o turista se interessou pelo Parque. Os resultados podem ser usados também para propor melhorias que agradem ao perfil indicado.

c. Condutores de visitantes

Após muito se discutir a respeito dos condutores de visitantes e ouvir diversos pontos de vista, chegamos na conclusão de que é necessário que eles sentem e conversem. Um ponto importante que notamos a respeito do preço estipulado é que nenhum estudo foi feito e em momento algum os condutores sentaram para discutir o preço. Alguns dizem que uma associação começou a cobrar o valor de R\$150,00 e os demais apenas copiaram.

A conversa que propomos é um pouco mais profunda. Ela visa entender os custos, valor atribuído ao condutor pelos turistas e o real significado por trás dos R\$150,00 cobrados. Ressaltaram também a inflexibilidade, mas acreditamos que esse ponto deve ser discutido entre eles para buscar um alinhamento de discurso. Devem desenvolver também mecanismos eficientes que divulguem o seu trabalho e coloque-os em contato com a parte interessada.

d. População local

A população local é uma parte importante para que o turismo funcione. O prefeito Maninho, de Coronel José Dias, em parceria com o SEBRAE, passou a desenvolver um programa de capacitação, que se aplicado da forma correta, pode incentivar o engajamento dos comerciantes nessa luta. Entretanto, os frutos só irão aparecer se realmente houver planejamento e esforços para dar continuidade aos workshops realizados na “Sala do empreendedor”.

O Instituto Olho D’Água realiza periodicamente um projeto maravilhoso, que visa aumentar o sentimento de pertencimento da população de Coronel José Dias em relação ao Parque Nacional da Serra da Capivara. Enfatizamos que a continuidade dele é imprescindível e deve ser reproduzida nos demais municípios – que se sentirem à vontade para receber o Instituto – pois acreditamos que iniciativas como essa têm muito a acrescentar.

Admiramos também a iniciativa da matéria complementar Parque Nacional, porém, é necessário que os responsáveis invistam mais capital para que ela cumpra as suas funções e possa se desenvolver por completo. Capacitar os professores é o primeiro passo para garantir que a matéria seja explicada da forma correta e o segundo passo é regularizar as visitas dos estudantes. Não faz sentido ter uma matéria na escola e não poder aproveitar ao máximo as belezas do Parque, a fim de fixar na memória o que foi dado em sala de aula.

e. Questões políticas

Por fim, chegamos às questões políticas. Entre todos os envolvidos, os órgãos públicos apresentaram diversas divergências em relação ao discurso. A Secretaria de Turismo de Coronel José Dias lançou um folder (Apêndice X) que resume os pontos turísticos, pousadas e campings e diversas informações básicas para o turista. Entretanto, vemos que a importância desse material é de fato grande, mas deve ser divulgada no período anterior a chegada do turista. Ele deve ter acesso a isso durante a sua pesquisa e formulação de roteiro.

Em uma das nossas entrevistas com a Secretaria de Turismo de São Raimundo Nonato, notamos que um outro folder – dessa vez mais antigo – continha informação das duas cidades: Coronel José Dias e São Raimundo Nonato. Acreditamos que a formulação de um novo material pode ser a porta de entrada para uma conversa profunda que deve ocorrer entre as prefeituras das cidades que constituem o Parque Nacional da Serra da Capivara.

Diversas vezes ouvimos reclamações em relação à comunicação entre municípios, mas em nenhum momento eles propuseram uma conversa aberta para discutir questões comuns que são de interesse de todos. Eles devem entender que não é uma competição. Caso o turismo na região aumente, todas as cidades engajadas no desenvolvimento dele serão beneficiadas.

Ao mesmo tempo que a conversa ocorre, incentivamos que Coronel José Dias inicie um estudo acerca dos impactos que as questões legais envolvendo o Parque acarretam no seu desenvolvimento local. Os relatos são bem claros: Coronel José Dias possui atualmente a maior parte da área visitável do Parque Nacional da Serra da Capivara, mas não é divulgada corretamente. Em linhas gerais, o turista passa o dia no território da cidade, volta à São Raimundo Nonato para comer e dormir e não sabe sobre a existência da cidade. Porém, afirmar que este é o maior entrave para a cidade ainda é precoce. O estudo visa basear a argumentação e caso provado, buscar meios de reverter a situação.

A cidade precisa também finalizar as obras dos quiosques que duram anos. A falta do acabamento desfavorece à cidade, deixando-a com um aspecto de inacabada. A ideia, entretanto, é muito boa e pode servir como um mecanismo muito próspero para os comerciantes e servir como um apoio aos turistas que começarem a frequentar a cidade. O prefeito Maninho deve se certificar de que o prazo fornecido durante a nossa entrevista seja cumprido e de que as promessas também não fujam do que foi explicado.

Considerações finais

Esse relatório teve o objetivo de ressaltar os principais problemas encontrados no trecho turístico da Serra da Capivara e que impossibilitam o desenvolvimento do turismo local. Visando atender a estes objetivos, foram realizadas entrevistas com os principais envolvidos, análise documentais, observações indiretas e os relatos de campo. Acreditamos que o relatório atingiu o que propôs, apontando os principais resultados: i. Informações disponíveis; ii. Acessibilidade; iii. Infraestrutura local; iv. Condutores de visitantes; v. População local e vi. Questões políticas.

Entretanto, apesar da pesquisa ter atingido os seus propósitos e prover uma contribuição, ela tem limitações decorrente do método escolhido. Não tivemos a oportunidade de realizar nenhum aprofundamento em relação à trabalhos anteriores acerca do mesmo assunto ou nenhum trabalho estatístico e quantitativo para comprovar a viabilidade das propostas fornecidas aqui. Dessa forma, elas fazem sentido a partir da percepção dos entrevistados e da observação feita; mas sem apoio estatístico.

Na seção “*Propostas de mudança*”, sugerimos diversas propostas de estudos futuros que podem ser realizados e que devem contribuir para a aplicação do que foi proposto no relatório. Entre elas, ressaltamos a importância de analisar o impacto no aumento do turismo e garantir que os residentes não sejam prejudicados com ele, mas sim beneficiados econômica e culturalmente.

Notamos a importância do tema e como ele é importante para o desenvolvimento da região. Muitas pessoas dependem do Parque Nacional da Serra da Capivara e acreditamos que a divulgação certa e investimentos necessários podem levar a um crescimento substancial da economia e conscientização da importância de Parques Nacionais para conservação e turismo. O incentivo do ecoturismo pode acrescentar muito ao turismo nacional e ser uma ferramenta muito importante para a sua valorização.

Referências

- ANDRADE, J.V. de. Turismo – fundamentos e dimensões. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- BECATTINI, G - “Industrial Districts: A New Approach to Industrial Change” (1994) p. 3
- BENI, Mario Carlos. 2006. Análise estrutural do turismo. 11. ed. São Paulo: SENAC.
- DIAS, Reinaldo. 2003. Turismo sustentável e meio ambiente. São Paulo: Atlas.
- FARIA, Ivani Ferreira de. 2001. Turismo sustentabilidade e novas territorialidades. Manaus, AM: Editora da Universidade do Amazonas.
- IGNARRA, Luiz Renato. 2001. Fundamentos do turismo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning
- KINKER, Sônia. 2002. Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais. Campinas, SP: Papirus.
- OLIVEIRA, Antônio Pereira de. 2000. Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização. São Paulo: Atlas.
- SERRA DA CAPIVARA NATIONAL CONVENTION. 1991. World Heritage Convention, 1991. Em: < [http:// whc.unesco.org/ en/ list/ 606](http://whc.unesco.org/en/list/606) >. Acesso em 16 de junho de 2017.
- GAME, Aliny. Parque Serra da Capivara continua aberto, mas sem manutenção e pesquisa. Uol Notícias, Maceió, agosto. 2016.
- MARTINS, VAZ, CALDAS -“A gestão do desenvolvimento local no Brasil: (des) articulação de atores, instrumentos e território*” Revista de Administração Pública (2010) p. 563-565
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (org.). 2003.Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites. São Paulo: Contexto.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. 1993. Turismo e qualidade: tendências contemporâneas. Campinas, SP: Papirus.
- Parque de Foz do Iguaçu recebe recorde de visitantes em 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2015/01/parque-de-foz-do-iguacu-recebe-recorde-de-visitantes-em-2014>> Acesso em setembro de 2017.

Os entraves que impossibilitam o natural desenvolvimento do turismo no Brasil. Disponível em: < <http://www.mercadoeventos.com.br/noticias/hotelaria/os-entraves-que-impossibilitam-o-natural-desenvolvimento-do-turismo-no-brasil>> Acesso em outubro de 2017.

Ecoturismo em unidades de conservação. Disponível em: < http://www.uff.br/var/www/htdocs/usopublico/images/Artigos/2015/art23_2015.pdf > Acesso em outubro de 2017.

Turismo de Foz fechou o ano com novos recordes. Disponível em: <<http://www.fozdoiguacudestinodomundo.com.br/noticias/turismo-de-foz-fechou-o-ano-com-novos-recordes/>> Acesso em setembro de 2017.

Infraero aeroportos. Disponível em: <<http://www4.infraero.gov.br/aeroportos/aeroporto-internacional-de-foz-do-iguacu-cataratas/sobre-o-aeroporto/historico/>> Acesso em setembro de 2017.

Aeroportos Rio de Janeiro - Santos Dumont. Disponível em: <<http://www.aviacaocomercial.net/aeroportosrj.htm/>> Acesso em setembro de 2017.

Serra da Capivara National Park. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/606>> Acesso em agosto de 2017.

The Criteria for Selection. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/criteria/>> Acesso em agosto de 2017.

Às moscas, aeroporto na Serra da Capivara é internacional só no nome. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/02/1740167-as-moscas-aeroporto-na-serra-da-capivara-e-internacional-so-no-nome.shtml>> Acesso em julho de 2017.

Visita sem guias em parques nacionais gera discussão. Disponível em: <<http://www.contasabertas.com.br/website/arquivos/684>> Acesso em outubro de 2017.

6.3 - Piauí. Zabelê. Disponível em: <<http://viajandes2011.blogspot.com.br/2013/08/63-zabele.html>> Acesso em outubro de 2017.

Instituto Olho D'Água. Disponível em: <<https://documentoculturalolhodagua.ning.com/>> Acesso em outubro de 2017.

ENTENDENDO O CONCEITO: O QUE É ECONOMIA COMPARTILHADA? Disponível em: <<http://consumocolaborativo.cc/entendendo-o-conceito-o-que-e-economia-compartilhada/>> Acesso em outubro de 2017.

RODRIGUES, M. Parque Nacional Serra da Capivara e Comunidade: Educação, Preservação e Fruição Social. 2011. 171 f. Tese (Mestrado em ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA E ARTE RUPESTRE) – Instituto Politécnico de Tomar – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Anexos

Anexo 1

1.2 Características morfoclimáticas

DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO
Área (Km ²)	1.822,115
Clima	Tropical semiárido quente, com duração do período seco de sete a oito meses
Vegetação	Caatinga arbórea e arbustiva
Precipitação pluviométrica	516,3 mm
Recursos hídricos	Rio Piauí
Solos	Latossolos vermelho-amarelo distróficos associados a areias quartzosas distróficas, solos litólicos eutróficos e solos bruno não cálcicos

Fontes: IBGE, Diário Oficial da União Nº 198, de 11.10.2002 – CEPRO, Atlas do Piauí – 1990
Ministério das Minas e Energia/CPRM, Mapa Geográfico do Estado do Piauí – 1995

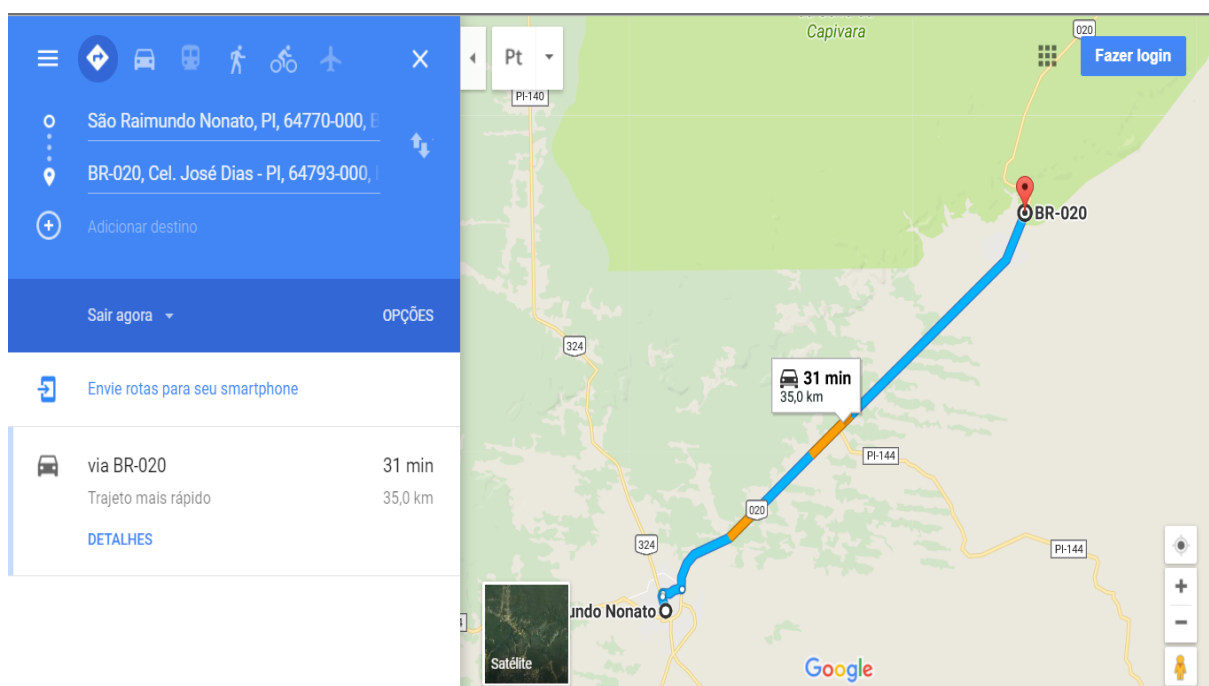
Anexo 2

Precipitação Pluviométrica Município de São Paulo 1933 a 2017

Anos/meses	(Em mm)												ANUAL
	JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAI.	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	
Normal ¹ 1933-1960	198,5	178,7	149,4	74,2	53,5	45,9	34,6	38,3	71	114,9	108,7	170,8	1.238,5
Normal 1961-1990	222,9	222,2	159,1	91,0	75,7	57,9	47,6	40,5	74,7	129,2	137,4	184,7	1.442,8
Média 1991-2013	283,4	239,1	189,2	83,6	60,0	52,3	54,5	31,1	85,0	129,6	143,5	205,9	1.557,1
Média ² 1933-2013	231,9	212,5	162,4	83,7	62,8	52,6	44,6	37,5	78,7	122,8	129,9	200,1	1.419,3

(Fonte: Prefeitura de São Paulo)

Anexo 3



Anexo 5



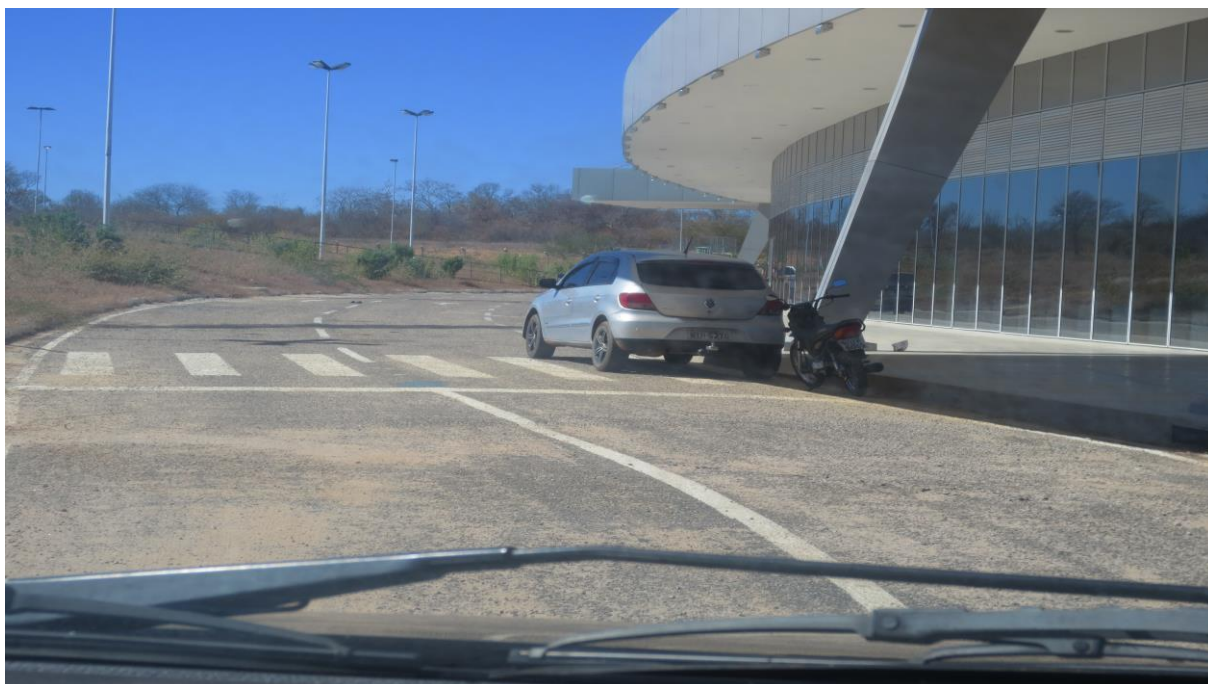
Anexo 6



Gráfico 06: Pesquisa de campo - Aplicação de Inquéritos (CJD - 2010/2011)

Apêndices

Apêndice 1 e 2



Apêndice 3



Apêndice 4



Apêndice 5



Apêndice 6



Apêndices 8 e 9



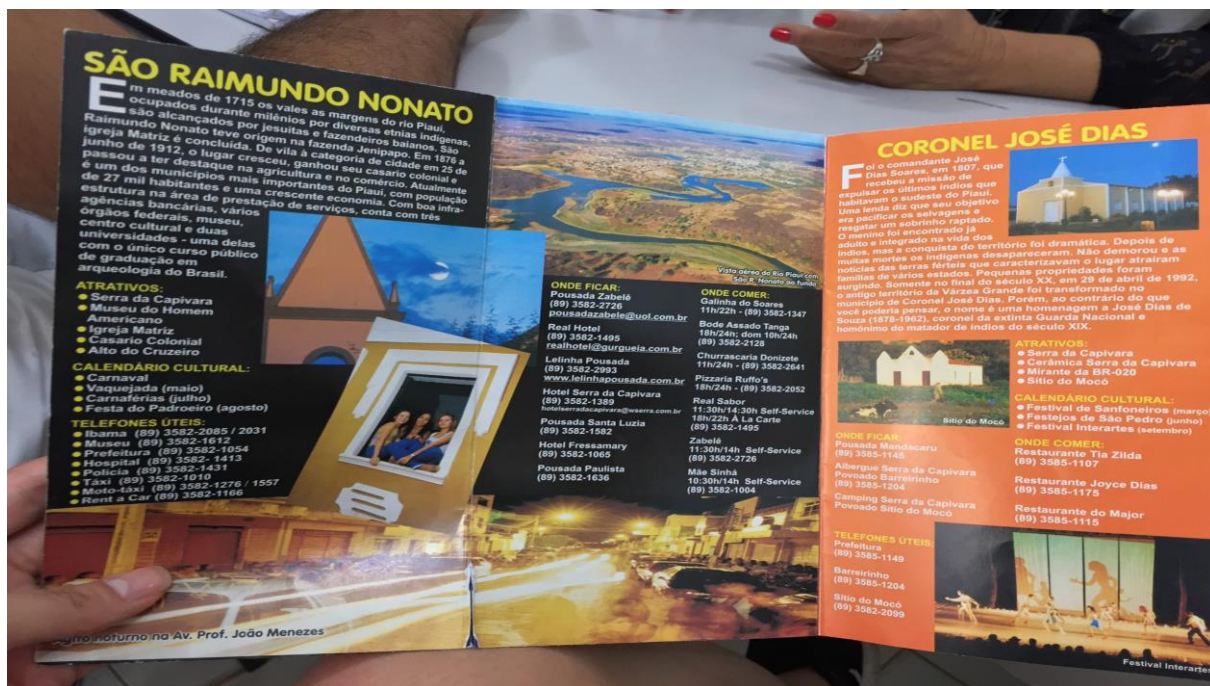
Apêndices 10 e 11



Apêndice 14



Apêndice 15



Apêndice 16



Demais apêndices

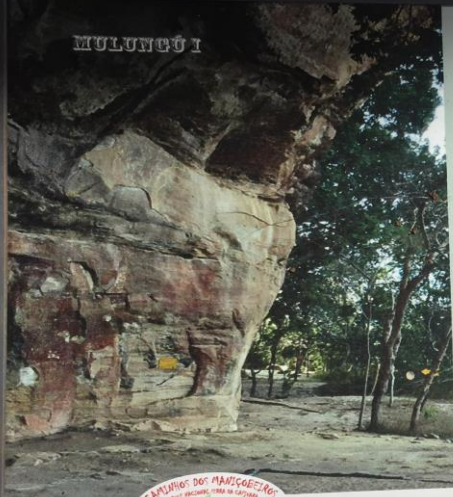




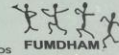




MULUNGÚ I



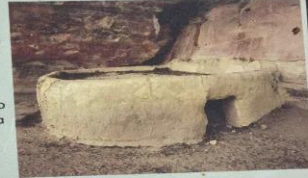
Em épocas de difícil acesso à cidade, a Igreja Católica organizava as "desobrigas" - incursões pelos padres aos locais mais afastados para levar os sacramentos religiosos. Numa dessas viagens o Padre Jerônimo veio para a Serra Branca e realizou cinco casamentos. O local escolhido para o evento foi o Mulungú, pois, três noivas moravam no local. Também nesse dia casaram-se uma filha do João Sabino e a maniçoeira Velha Mulata, em seu terceiro matrimônio.



De acordo com antigos maniçoeiros a casa que aqui existia era composta por três compartimentos: dois menores que serviam de dormitório para os homens e um maior ao lado do forno para as mulheres.

Vestígios descobertos na limpeza de superfície do sítio, outros ainda visíveis na parede rochosa, permitiram a reconstrução da estrutura da antiga moradia utilizando o método construtivo da época: paus, pedras e barro. Todo o chão era recoberto com barro batido, o que ainda hoje se observa no quarto das mulheres e no entorno do forno.

A reconstrução das paredes não atingiu a altura total (troncos da parede frontal) para não obstruir a visão das pinturas pré-históricas do paredão rochoso.



Patrocínio:



PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA